

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA**

ANDRÉ JÚLIO COSTA

O CONCEITO DE ESTILO NA PERSPECTIVA LACANIANA

Belo Horizonte

2015

ANDRÉ JÚLIO COSTA

O CONCEITO DE ESTILO NA PERSPECTIVA LACANIANA

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Teorias Psicanalíticas da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias Psicanalíticas.

Orientador: Dr. Paulo Cesar de Carvalho Ribeiro

Belo Horizonte

2015

“Façam como eu, não me imitem”

Jacques Lacan

RESUMO

O conceito de estilo, está em voga nos textos psicanalíticos, sempre referenciando o arcabouço teórico proposto por Lacan. A psicanálise, a partir da perspectiva lacaniana, admite a vertente do estilo como instrumento de singularização, de expressão da particularidade de cada sujeito (de desejo), e, como tal, submetido às leis do inconsciente. Este estudo busca elucidar o estilo diante das propostas lacanianas, quando essas nomeiam o estilo como o objeto *a*, ou melhor, como uma tentativa constante de recuperar esse objeto *a*. A fundamentação do trabalho se deu pelo estudo da literatura psicanalítica lacaniana acerca da temática. Ao considerar a funcionalidade e a operacionalidade do estilo na clínica psicanalítica, este trabalho interroga o seu manejo em meio à prática. A partir da teoria dos quatro discursos de Lacan, ao fim do trabalho, ousamos fazer uma crítica não ao conceito de estilo, mas sim ao que fazemos com o que fizeram do estilo de/em Lacan. Nossa pergunta na crítica é interpelar até que ponto os psicanalistas consideram o estilo em Lacan e não o estilo de Lacan? Nesta parte do trabalho, tentamos fazer um paralelo entre o estilo de Lacan e um sentimento de nostalgia dos psicanalistas quando tentam recuperar, muitas vezes, de forma cômica e performática, os trejeitos e as formas de fazer clínica do psicanalista francês. O estilo em Lacan aponta para as discussões acerca do conceito que integra as formulações da psicanálise lacaniana a respeito da posição discursiva do sujeito com relação à singularidade. Por sua vez, o estilo de Lacan conduz para uma questão contrária ao conceito, pois vem tratar da forma como o psicanalista francês fazia clínica e até mesmo ao jeito de se portar. A psicanálise, via o estilo, oferta uma legitimação do inconsciente que produz um ambiente propício para o reconhecimento da contingência radical da experiência do sujeito, conseqüentemente, o coloca perante sua falta. Com isso, admite o impossível e as incertezas da prática analítica e, além de não recuar, é sempre ousada em suas escolhas, não separando o pensar do seu fazer. O acolhimento do saber inconsciente visa operar um estilo marcado por uma formação discursiva que, por ratificar-se na ausência, apresenta-se como uma possibilidade.

Palavras-chave: Psicanálise. Jacques Lacan. Estilo.

ABSTRACT

The concept of style, repeatedly, is in vogue in psychoanalytic texts, always referencing the theoretical framework proposed by Lacan. Psychoanalysis, from the Lacanian perspective, admits the vision of style as singling instrument of expression of the individuality of each subject (of desire), and as such, subject to unconscious laws. This study aims to elucidate the style in the Lacanian proposals when they name the style as the object *a*, or rather as a constant attempt to recover this object *a*. The basis for the work was given by the study of Lacanian psychoanalytic literature on the theme. Considering the functionality and operability of the style in the psychoanalytic treatment, this work will question your management amid practice. Using the theory of the four discourses Lacan, in the end of work, dare to criticize, not to the concept of style, but rather what we do with what made the style in/of Lacan. Our question on criticism will be challenged to what extent psychoanalysts consider the style in Lacan and not the style of Lacan. This part of the work will try to make a parallel between the style of Lacan and a sense of nostalgia psychoanalysts when they try to recover, often comic and performative way, mannerisms and ways of doing clinic French psychoanalyst. The style in Lacan points to the discussions on this concept that integrates the formulations of Lacanian psychoanalysis about the discursive position of the subject in relation to uniqueness. On the other hand, the style of Lacan leads us to a question contrary to the concept, as is dealing with the way the French psychoanalyst was clinical and even the way to behave. Psychoanalysis, through the style, offering an unconscious legitimacy that produces an enabling environment for the recognition of the radical contingency of the subject's experience, therefore, puts forward their lack. Thus, it admits the impossible and the uncertainties of analytic practice and in addition to not retreat, it is always daring in their choices, not separating think you are doing. The host of the unconscious knowledge aims to operate a style marked by a discursive formation that, to be ratified in the absence, is presented as a possibility.

Keywords: Psychoanalysis. Jacques Lacan. Style.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Os lugares do discurso.	22
Figura 2 - Os quatro discursos.	22

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	O CONCEITO DE ESTILO NA PERSPECTIVA LACANIANA	9
3	ESTILO E ENSINO-TRANSMISSÃO	15
4	O QUE FIZEMOS COM O QUE FIZERAM DE MIM: UMA CRÍTICA AO ESTILO DE/EM LACAN.....	20
5	CONCLUSÃO.....	24
	REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

Qualquer discussão a partir da teoria de Jacques Lacan (1901-1981) que se preze precisa contextualizar o psicanalista e seus objetivos. E este apontamento não tem como objetivo salvaguardar a teoria de Lacan, ele apenas vem dizer que o pensamento lacaniano falou a partir de algum lugar, conseqüentemente, sofreu certas influências. Tais ressalvas sobre a perspectiva lacaniana apontam para uma conscientização de que uma concepção teórica não é inocente, nem muito menos neutra, ainda mais por se tratar de uma discussão no campo da psicanálise. Os debates acerca do estilo, trazidos no decorrer deste trabalho, apresentam um posicionamento perante a realidade. Traduzindo isso, poderíamos colocar, de antemão, que todas as discussões falam de um lugar específico a partir de uma ideologia.

Lacan iniciou seu “retorno a Freud” em um momento em que a psicanálise estava em uma crescente expansão territorial, de modo que ela deixara a Europa para conquistar as Américas, principalmente aquela do norte. Os norte-americanos estavam vivenciando uma dinâmica social conseqüente do pós-guerra. Aqueles que leram os textos freudianos a partir das questões referentes ao Eu fizeram um estudo de formação ortodoxa da psicanálise, assim, ritualizaram a técnica. É fundamental considerar que o que se objetivava naquela época era uma integração harmoniosa do homem com a sociedade, muito em razão do terror que o mundo havia vivido nos tempos de guerra. A Psicologia do Ego, como foi chamada, desloca o inconsciente do lugar de conceito fundamental e passa a considerar o chamado “ego consciente”, integrado pelo *self* e pela autonomia, como seu conceito fundamental (HARTMANN, 1962). O ego é tomado assim como a expressão da individualidade de cada sujeito, dessa forma, a sua força ou fraqueza é avaliada a partir da capacidade desse se posicionar como primordial. Conseqüentemente, com a menor ênfase nas questões do inconsciente e da pulsão, as questões para as discussões psicanalíticas (inconsciente, desejo, pulsão, etc.) acabaram sendo negativadas. Um caráter que permaneceu foi em relação às questões desenvolvimentistas, ou seja, o desenvolvimento sexual da criança ainda era muito abordado, porém agora de uma forma ainda mais enfática. A influência dos pós-freudianos¹ norte-americanos, como Franz Alexander, Heinz Hartman, Erik Erikson, entre outros, trazem algumas questões fundamentais para entendermos de onde a psicanálise falava nessa época.

As críticas de Lacan (1966/1998) para com a Psicologia do Ego caminham no sentido de advertir que a psicanálise proposta por Freud não se trata de orientação de consciência,

¹ É válido ressaltar que, em momento algum, é feita uma crítica às questões teóricas desenvolvidas pelos autores e teorias supracitados.

consequentemente, não é possível pensarmos em uma terapêutica que visasse à adaptação do sujeito à realidade. Com isso, o psicanalista francês, retornando aos princípios freudianos, inferia que os norte-americanos propunham uma conformidade às normas da civilização, sendo este pensamento divergente àquele de Freud, que, pelo contrário, trazia uma constante confrontação do sujeito com a verdade e, principalmente, com seus desejos. Lacan, com isso, vai apontar que o sujeito não tem o poder de apreender-se a si próprio no momento em que pensa. Ao trazer o inconsciente à tona, Lacan marca que esse é puro desejo e não sofre nenhuma intervenção do ego. A tendência norte-americana psicanalítica de adaptação ao social, ou seja, de propor uma terapêutica que visaria a técnicas racionais com o fim de modificar as condutas dos sujeitos (HARTMANN, 1962), colocaria a psicanálise “em direção a um behaviorismo” (LACAN, 1998, p.221).

Lacan, sentindo este “distanciamento” dos princípios postulados pelo pai da psicanálise, leu os textos freudianos privilegiando o campo do inconsciente, de modo, a muitas vezes, fazer uma hipervalorização deste com o intuito de confrontar os psicanalistas norte-americanos. Dessa forma, o conjunto teórico lacaniano, no princípio de sua formulação, ou seja, entre os anos de 1950 até meados da década de 1960, dará ênfase aos fenômenos inconscientes. Não é correto afirmarmos que Lacan exclui o Eu. Tal instância está inserida em sua lógica. No entanto assume um papel muitas vezes ofuscado na constituição do sujeito.

O sujeito, a partir da perspectiva lacaniana, é aquele que está constantemente submetido ao desejo do Outro, este que se relaciona com o lugar de centralidade no campo da linguagem e com o funcionamento da cadeia significante nas manifestações do inconsciente. A psicanálise afasta o sujeito, até então normatizado e “senhor da sua casa”, dos modelos científicos positivistas e empíricos e devolve-lhe sua singularidade ao colocar seus desejos em um confronto constante com a realidade. Desde Freud, observamos uma valorização dos processos inconscientes e seus desdobramentos nos pensamentos e nas ações. A noção de sujeito na psicanálise não pode ser afastada do inconsciente, consequentemente, do desejo. Justamente por trazer à tona as particularidades e o inconsciente do sujeito, questões essas que caminham no sentido oposto das propostas que privilegiam técnicas de intervenção na realidade, a psicanálise ofereceu suas contribuições para uma constante reflexão acerca do sujeito.

2 O CONCEITO DE ESTILO NA PERSPECTIVA LACANIANA

Qualquer retorno a Freud que dê energia a um ensino digno desse nome só se produzirá pela via mediante a qual a verdade mais oculta manifesta-se nas revoluções da cultura. Essa via é a única formação que podemos pretender transmitir àqueles que nos seguem. Ela se chama: um estilo. (LACAN, 1998, p. 460)

O conceito de estilo, está em voga nos textos psicanalíticos, sempre referenciando o arcabouço teórico proposto por Lacan. É fundamental frisar que Freud, em momento algum, elaborou uma formulação ou um conceito de estilo, assim, essa terminologia é oriunda, propriamente, dos estudos lacanianos, conseqüentemente, absorve as influências de seu inventor. É válido referir, também, que nem mesmo Lacan fez uma conceituação sistemática daquilo que ele denominava estilo. O conceito de estilo foi sendo reelaborado ao longo dos seus trabalhos, podendo ser localizado principalmente nos seus textos e seminários sobre a ética, a transmissão, o trabalho clínico do analista e a constituição do sujeito.

Nos textos psicanalíticos em que o estilo é convocado para dar sua palavra, como naqueles referentes à transmissão do discurso analítico (LACAN, 1998), percebemos que o faz não com um elemento regulador, balizador de uma ação ou para descrever uma determinada postura e posição, mas como uma marca da subjetividade singular do sujeito. Podemos inferir, então, que o estilo proposto pela psicanálise lacaniana se localiza distante do conceito dado pelo senso comum, ou seja, aquele que se refere à normatização de uma expressão, uma postura, uma preferência, conquanto mantenha muito das terminologias deste, tais como maneira, exceção, entre outros.

Antes de tratarmos propriamente do que *é* o estilo, é fundamental apontar aquilo que o estilo *não é*. Em psicanálise, ao dizermos de um estilo, estamos longe de colocar em pauta uma referência à estética, diferentemente das outras áreas. Assim, não podemos colocar que fulano tem um estilo X, ou adota uma postura que muito se aproxima do estilo Y. *Não*²! O estilo, na perspectiva lacaniana, seria exatamente o contrário da lógica de normatização, logo, joga ao chão qualquer ilusão de que existe um modelo, um estilo de se fazer clínica por exemplo.

Voltemos ao que *é* o estilo. O *estilo*, estabelecido pela psicanálise, constitui-se a partir da relação que o sujeito cria com a linguagem³, logo, o produto só poderá ser *estilos*

² Destacamos este imperativo, pois vamos retornar a ele a fim de apontar uma crítica à confusão entre o estilo de Lacan e o estilo em Lacan.

³ “A linguagem é vista como um sistema de regras, normas e leis que organiza as condições de possibilidades para a experiência de si e do mundo.” (SAFATLE, 2013, p.15).

particulares. Este movimento relacional se dá em sucessivos (des)encontros, pois, enquanto sujeitos do desejo (incompletos, “vazios”), estamos sempre na busca de algo para dar conta da nossa falta. Desse modo, a noção de *estilo* não pode ser dissociada da prática e da singularidade; logo, o *estilo* só poderá se fazer na prática analítica e para a prática analítica, quando o sujeito se permitir lidar com suas próprias questões (DINIZ, 2006). Segundo Safatle (2013, p.17), “o estilo é um modo fundamental de formalização da demanda de reconhecimento, de realização de expectativa de autenticidade e de verdade. Neste sentido, ele é aquilo que um sujeito tem de mais real”.

Antes de prosseguir precisamos retomar algumas questões. Se atentarmos a citação supratranscrita, podemos fazer algumas inferências fundamentais para a elucidação do estilo. Toda formalização de demanda, ou seja, toda vez que nos “rendemos” ao desejo tentamos recuperar aquilo que nos falta. Entendemos assim que estilo seria um saber fazer com as palavras do Outro⁴. No entanto se produz como uma marca imprescindível da singularidade do sujeito em seu ponto de vinculação com este Outro.

O estilo não designa algo que simboliza o sujeito, mas, sim, ele mostra aquilo que não se deixa dizer ao próprio sujeito, ou seja, como uma via para o real, o estilo, toma sua importância enquanto uma proposição operacional, desse modo, faz operar na prática o modo como o singular se produz sem, no entanto, ser reduzido a um “particular irreduzível” (IANNINI, 2013). Se dizemos que o estilo está vinculado a uma “singularização”, distanciamos este conceito psicanalítico daquele conceito de estilo que propõe uma generalização, que determina regras, como na literatura por exemplo (estilo moderno, estilo barroco, etc.). Ao contrário, o singular vincula o conceito a um furo, uma transgressão na norma. “Coincidentemente”, o conceito de estilo desenvolvido no âmbito da teoria lacaniana parece se aproximar da origem etimológica da palavra. Estilo origina do grego, *stylus*, este que seria uma ferramenta metálica pontiaguda cuja função seria fazer um furo (QUINET, 2009).

⁴ O termo Outro permite fazer alusão ao inconsciente, notado na psicanálise de orientação lacaniana. O Outro elucidado por Lacan vem dar conta de um movimento teórico que propõe que somos nada mais do que efeito da incidência da linguagem. O Outro é o lugar do código, da convenção significante, daquilo que está além dos sujeitos falantes envolvidos num diálogo. É justamente neste lugar que o sujeito pode colocar, para si, as questões de sua existência, ou seja, um lugar de questionamento, mas que provem de um saber inconsciente. (KAUFMANN, 1996). O conceito de Lacan de Outro se refere à presença interiorizada de todos aqueles que foram, são ou serão meus eleitos, bem como, mais globalmente, a influência social, econômica e cultural do mundo em que vivo. Em suma, o vocábulo “grande Outro” recobre tanto todas as pessoas que marcam minha existência como as determinantes sociais que me condicionam.

Admitir o estilo, então, é reconhecer que os modelos não dão conta da complexidade, logo, o sujeito não pode ser descolado da sua própria prática, uma vez que é nela que se desenvolve a construção do seu *savoir-faire*.

No entanto, este discurso da singularização pode nos levar ao vício de referirmos que o estilo é o homem, sustentando assim as ideias do naturalista Conde Buffon, que foram escritas no século XVIII. Lacan vai parodiar Buffon afirmando que o estilo seria, na verdade, “o homem a quem me endereço”, em termos psicanalíticos, o estilo é o Outro: “[...] se o homem se reduzisse a nada ser além do lugar de retorno de nosso discurso, não nos voltaria a questão de que para que lhe endereçar?” (LACAN, 1998, p. 9-10).

Dessa forma, Lacan propõe uma troca na estrutura estilística de Buffon: no lugar do homem, é convocado o Outro, este que está rendido ao inconsciente, isto, pois “não há forma de estilo, por mais elaborado que seja, em que o inconsciente não abunde” (LACAN, 1998, p. 469). No entanto não se encerra aí (o estilo é o Outro) a formulação de Lacan. Temos que pensar que este Outro não responde às demandas do sujeito visto que ele (o Outro) não existe, cabendo assim entender que a busca deste Outro só levaria o sujeito a reconhecer seu lugar de desamparo, de perda de sentido. Consequentemente, este Outro, que era sólido, evapora-se no ar. Este é o momento crucial em que o sujeito percebe que a identificação do estilo com o estilo do Outro não responde.

Após este caminho, podemos entender melhor o que levou à conclusão de Lacan (1998, p. 11), na Abertura dos Escritos, de que o estilo realmente não seria o homem, como proposto por Buffon, mas também não seria o Outro:

É o objeto que responde à pergunta sobre o estilo que formulamos logo de saída. A esse lugar que, para Buffon, era marcado pelo homem, chamamos de queda desse objeto, reveladora por isolá-lo, ao mesmo tempo, como causa do desejo em que o sujeito se eclipsa e como suporte do sujeito entre verdade e saber.

Todo esse caminho feito por Lacan nos leva a inferir que o estilo é o objeto, ou melhor, o estilo é uma via para a recuperação do objeto perdido. Objeto aqui deve ser entendido como *objeto a*, este que é, talvez, a grande formulação de Lacan quanto ao objeto de estudo da psicanálise. Eis a conceituação fundamental do estilo, ou seja, dizer de um estilo é apontar, impreterivelmente, a busca infindável pela representação do *objeto a*, consequentemente, podemos referir que o estilo pode ser entendido como aquilo que o sujeito tem de mais real:

O estilo, visto agora a partir da perspectiva do objeto, é o resultado de um discurso em que o sujeito se faz presente, mas apenas como suporte abissal para a queda do objeto, pois se o estilo é objeto, 'o objeto da psicanálise não é o homem; é aquilo que lhe falta – não uma falta absoluta, mas a falta de um objeto'. (IANNINI, 2013, p. 218).

Antes de prosseguir é fundamental conceituarmos o *objeto a*. Segundo Nasio (1993, p. 93-108):

O *objeto a* é apenas uma letra [...] que tem a função central de nomear um problema não resolvido [...] O objeto perdido é apenas uma das imagens possíveis dessa não-resposta chamada *objeto a* [...] pode ser teorizado de maneira diversa, sobre como mais-gozar, onde, longe de ser uma perda, ele é um excesso que se acumula. Pensamos no *objeto a* como perda quando ele se reveste das imagens semânticas relativas aos lugares erógenos do corpo [...]. Todas essas imagens são, na verdade, capas de *a*, máscaras carregadas de uma significação corporal, maquilagens que Lacan categoriza com o termo “semblante de ser”; mas-insisto-, o próprio *objeto a* é, em si, um real opaco, um gozo local, impossível de simbolizar.

O *objeto a*, segundo a perspectiva lacaniana, configurar-se-ia como o produto da entrada no campo da linguagem. Não é possível dizer entrada do sujeito no campo da linguagem, pois este só o é a partir da divisão provocada pela linguagem que proporcionará seu advento. Dizer de entrada na linguagem seria o mesmo que apontar para uma introdução de um significante que seria responsável pela formulação de uma imagem de si. Essa imagem é dada a partir de um Outro e seria aquilo que Lacan denominou de Estágio do Espelho⁵. No momento da formulação da imagem, inscreve-se um investimento libidinal, no entanto, esse

⁵ Um dos conceitos fundamentais do sistema de pensamento de Lacan, o estágio do espelho, vale-se do ver e do olhar para dar conta da instância do *eu* e sua função. Sabe-se da distinção existente entre eu e sujeito, que não são a mesma coisa, e também da importância da função do *eu* na compreensão do conceito de sujeito, nos caminhos que levam à construção desse conceito. O olhar do outro devolve a imagem do que eu sou. Por exemplo, o bebê olha para a mãe buscando a aprovação do Outro simbólico. É o Outro, encarnado na figura daqueles que se encarregam dos cuidados do bebê, que faz o bebê olhar. Durante os primeiros meses de vida, o bebê experimenta em seu corpo um despedaçamento, uma falta geral de coordenação e podemos dizer que o seu corpo é uma extensão do corpo da mãe, ou seja, o bebê ainda não consegue distinguir o eu e o não eu, a mãe e o ambiente, ele e o mundo externo. Tudo é uma só e mesma coisa. E como se dá o processo de unificação do corpo do bebê? Quando o corpo passa a ter um contorno? Por volta dos seis aos dezoito meses, o bebê, ao ter contato com um espelho, passaria por uma transformação, uma vez que ele será confrontado com a imagem do outro no espelho, lembrando que é necessário que alguém esteja segurando o bebê em frente a ele. Assim, podemos pensar que é com a visão da imagem do Outro que se inicia o processo de subjetivação e a instalação do narcisismo? Lacan aposta que sim, e usa os termos desconhecimento e alienação para articular a ideia do estágio do espelho na formação da imagem do corpo e do imaginário dando especial destaque para o papel do semelhante, ou melhor, da imagem do semelhante na constituição do eu. O “eu” é composto de duas imagens corporais de naturezas diferentes, mas indissociáveis: a imagem mental de nossas sensações corporais – *eu sinto meu corpo* – e a imagem especular da aparência do nosso corpo – *eu vejo meu corpo*. A imagem especular é uma imagem visível que percebemos de fora. A imagem especular mostra o corpo tanto na universalidade de sua forma humana quanto na singularidade de sua silhueta. Nesta medida, o “eu” é tanto a certeza de ser o que se é quanto à ignorância do que se é. As imagens mentais que forjamos de nosso corpo, substrato de nossa identidade, são imagens subjetivas e deformadas que falseiam a percepção de nós mesmos.

investimento não passa pela imagem especular. Desse modo, a partir da formulação do campo do Outro, surge um resto, este que seria exatamente o *objeto a*, ou seja, “aquilo que sobrevive da operação de divisão do campo do Outro pela presença do sujeito” (LACAN, 2005, p. 243). O *objeto a* faz referência à falta, não sendo especular, nem apreensível na imagem.

Por que Lacan insiste na ideia de que as imagens ludibriam, mentem e mascaram a realidade? A percepção de qualquer coisa importante para o sujeito será inexoravelmente deformada pela influência dos sentimentos de amor ou de ódio, conscientes ou inconscientes, deformada pelo ressurgimento de uma antiga emoção infantil e deformada ainda pela presença do Outro. Esses três fatores – sentimentos conscientes e inconscientes, os fatos relevantes da história afetiva do sujeito e o Outro – tecem a trama cerrada do que é chamado de *fantasia inconsciente*. Há ainda um quarto elemento da fantasia, um quarto constituinte que não devemos esquecer e ao qual devemos voltar, a saber, a própria imagem. Portanto, toda imagem que vemos estará sempre deformada por esses quatro elementos, inclusive o próprio corpo, “percebo o objeto velado pela imagem que conservo dele na minha memória afetiva e inconsciente” (NASIO, 2009, p.39).

É a partir desse posicionamento que o *objeto a* assume sua função de causa de desejo na medida em que ele é sobre. Lacan o reconhece estruturalmente como objeto perdido. O *objeto a* “é o que lidamos no desejo e por outro lado na angústia” (LACAN, 2005, p. 179). Sem representação no discurso, *a* é o que resta de inefável. Exatamente aí se encontra o trabalho de Lacan quando ele dá a falta de objeto um objeto, logo, positiva um negativo quando propõe que o objeto *a* não pode “lembrar”, no entanto não se deixa esquecer. É interessante observarmos o movimento feito por Lacan no momento de posicionar o estilo conforme a perspectiva teórica. Ao nomear a falta de objeto com um objeto (*a*), Lacan não propõe um estatuto normalizador para o princípio da “verdade não toda”, fundamental na constituição do sujeito. Eis o motivo do estilo, visto que este emerge para “integrar a negatividade à identidade [...] falar neste limite entre o sentido e o não-sentido para mostrar, e após formalizar o limite do dizível” (SAFATLE, 2002, apud IANNINI, 2013 p. 256).

Em sequência a esse caminho, podemos apontar que o estilo, enquanto uma tentativa de recuperação do objeto perdido (*objeto a*), pode ser percebido como uma possibilidade do sujeito de construir ao *em torno* uma referência intrínseca ao desejo. O estilo se mostra como um empenho de destituir, mesmo que parcialmente, o conflito entre o discurso e o *objeto a*,

visto que o primeiro não consegue incluir o segundo completamente, por isso fornece um “suporte do sujeito entre verdade⁶ e saber”.

Ao considerar a relação do saber com o desejo, o não todo, a falta, inferimos também sua disjunção com a verdade. Segundo Lacan (1998), a verdade deve ser tomada sempre como uma obra da ficção. Ela se instala a partir do que dizemos. Dessa forma, é sempre parcial, assim como o saber. A implicação do sujeito está diretamente pautada pela relação que o sujeito tem com o saber. Como já mencionado, o saber a que estamos nos referindo não é o mesmo que o conhecimento. Diniz (2006, p. 8) esclarece que o saber “é uma posição que move o sujeito ainda que este não saiba nomeá-la. Neste sentido, o saber é efeito do desejo inconsciente”. Por assim ser caracterizada, podemos então entender que a relação do sujeito com seu saber se constitui com o objetivo de tamponar sua *falta*, seu *saber-não-sabido*, que não cessa de não se inscrever. A relação com a verdade diz respeito à constante busca que o sujeito empreende para alcançar a plenitude, pois, enquanto sujeito faltoso, está carregando sempre uma incompletude. Assim, a verdade, na psicanálise, seria o posicionamento tomado pelo sujeito frente ao mundo. Estamos falando, portanto, da singularidade que cada sujeito porta.

O estilo faz a dimensão do real que resiste à ordem simbólica (LACAN, 1966/1998), e não aquilo incorporado do outro em termos de uma personalidade imaginária. O estilo vem do Outro, no entanto constitui-se como marca da singularidade do sujeito, seu ponto de amarração. O estilo é a marca da perda constitutiva do sujeito. Assim como Quinet (2009), voltemos à etimologia da palavra, enquanto objeto metálico e pontiagudo que tem como finalidade fazer um furo: o estilo traz a marca que cada sujeito porta, sem nenhum tipo de garantia ideativa. A psicanálise, a partir da perspectiva lacaniana, admite a vertente do *estilo* como instrumento de singularização, de expressão da particularidade de cada sujeito (de desejo), e, como tal, submetido às leis do inconsciente. O estilo, estabelecido pela psicanálise, constitui-se na relação que o sujeito estabelece *entre*⁷ o par verdade-saber, logo, o produto só poderá ser estilos particulares (IANNINNI, 2013, p. 19).

⁶ A verdade remete ao inconsciente, por assim ser, está sempre se reporta a um não todo, a um sentido que sempre escapa, que não cessa de não se inscrever. “[...] verdade que fala, que toca o real, mas que não possui em si mesma o índice de sua própria veracidade.” (IANNINNI, 2013, p. 19).

Destacamos a palavra *entre*, pois o estilo não se situa nem na verdade nem no saber, sendo até mesmo alheio a eles: “[...] a verdade é o que falta a realização do saber” (IANNINI, 2013, p. 215).

3 ESTILO E ENSINO-TRANSMISSÃO

Monteiro (2005) aponta que, para trabalhar a respeito do ensino de psicanálise, é preciso considerar a existência de uma diferenciação entre informação e formação. A visão de informação aproxima-se do contexto de ensino, no modo acadêmico; conseqüentemente, não forma psicanalista. A formação do analista ainda englobaria a supervisão e a análise pessoal. Freud (1996, p. 189) discutiu sobre isso no texto “Sobre o Ensino da Psicanálise nas Universidades”. Na ocasião, reflete sobre o ensino da psicanálise no curso de medicina: “A formação universitária não equipa o estudante de medicina para ser um hábil cirurgião; e ninguém que escolha a cirurgia como profissão pode evitar uma formação adicional, sob a forma de vários anos de trabalho no departamento cirúrgico de um hospital”.

Assim, mesmo a metodologia sendo idêntica, percebemos que o ensino-transmissão da psicanálise no processo de formação de analistas passa pelos caminhos da experiência. Trabalhamos com o par ensino-transmissão, pois o entendimento dessas duas terminologias, com base nos princípios psicanalíticos, muito tem a dizer sobre o modo de se lecionar e apre(e)nder a psicanálise. O par ensino-aprendizagem é muito caro para o discurso pedagógico porque é a partir dele que se desenvolvem as questões relativas ao ensinar.

No interior da pedagogia e da didática, as discussões a respeito do ensino-aprendizagem são muito recorrentes quando, em um dado momento histórico, o estudo do desenvolvimento infantil, feito principalmente pela psicologia, apresentou suas contribuições para os processos de construção do conhecimento e da cognição, por exemplo. Porém as questões referentes ao ensino-aprendizagem figuram desde a modernidade. A psicologia, por sua vez, somente intensificou o debate no século XX.

Silva (2005, p.115) mostrou que, desde a era Moderna, os currículos eram entendidos como uma eleição de conteúdos e conhecimentos que se pondera serem necessários para que o aluno adquira a razão e o progresso: "ele é linear, sequencial, estático". Nessa concepção moderna, o par ensino-aprendizagem pode ser entendido como causa e consequência. Muito em decorrência dessa visão moderna que ainda hoje observamos a racionalidade técnica apresentando-se nos processos educativos.

Ensinar deriva do latim, *insignare*, e significa colocar em signos (símbolos), apontar, indicar; ou seja, ensinar seria a ação de lançar a palavra. Aprendizagem, também, derivada do latim, *apprehendere*, significa compreender, no sentido de apropriação. Logo, vemos, pela própria etimologia das palavras, que ensino e aprendizagem estão longe de apresentar uma

relação de causa e consequência. No entanto o significado atribuído às palavras varia de acordo com as práticas de uma sociedade. Assim, temos que hoje o ensino corresponde a ações, meios e condições para a realização da instrução (LIBÂNEO, 1994), sendo a didática a ciência que se ocupa dele. Já a aprendizagem ficou sob a responsabilidade, principalmente, da psicologia. E uma criança, então, irá apreender de acordo com seus estágios do desenvolvimento. Essa lógica levou a crer que seria possível balizar o que, o como e o quando isso ou aquilo vai ser ensinado e/ou apreendido. Isto se torna um problema, pois se cria a ilusão de que a prática pedagógica é completamente planejada e consciente. A realidade, por sua vez, apresenta-se de uma forma muito menos racional do que se espera (PERRENOUD, 1993).

A psicanálise não só substitui a aprendizagem pela transmissão, mas também acrescenta o inconsciente e a singularidade de cada sujeito nesta relação. Ensinar passa sempre por um saber teórico-conceitual, por uma instrução teórica. A transmissão, que é a grande novidade trazida pela psicanálise, diz respeito ao que o sujeito (do desejo) fez com esse saber teórico, ou seja, seria a implicação do sujeito com a causa, neste caso, a causa psicanalítica. A transmissão dá voz à experiência particular, ao estilo e à relação singular que o professor tem com a psicanálise. O ensino sem a transmissão seria “letra morta”. Lajonquière (2011, p. 129) ensina que o ensino sem a transmissão seria a relação em que o “receptor recebe – de forma invertida – do emissor simplesmente uma perturbação ou, se preferirmos, uma mensagem incômoda que o lança à conquista daquele suposto (lhe) dizer (respeito)”.

Por estarem engajados com a transmissão, mesmo trabalhando com os conceitos centrais, não deve existir uma preocupação em ensinar de forma extremamente balizada as teorias psicanalíticas. A noção de transmissão, trazida pela psicanálise, seria uma forma de reconhecer o inconsciente e a singularidade na relação de professor-aluno. Talvez aí se estivesse apresentando uma importante contribuição da psicanálise: deslocar os processos educativos universais, balizados pela racionalidade técnica, para fazer emergir a prática do um a um, da particularidade. A transmissão da psicanálise não somente reconhece o inconsciente, mas parte dele para se pensar as intervenções nos processos de ensino e aprendizagem. Dessa forma, o sujeito formador é considerado como sujeito influente e influenciado de todo o processo de transmissão.

Assim, devemos partir do pressuposto de que aquele que ocupa a função da transmissão da psicanálise se sustenta numa posição de claudicância; logo, essa concepção

será orientada mais pelo campo da ética do que por uma instrução conceitual: “[...] é, ao mesmo tempo, pessoal e profissional, na medida em que essas dimensões se enlaçam mutuamente; e é, ainda, balizada pelo desejo e não pelo gozo, constituindo-se em um estilo singular e criativo de ensino e de transmissão”. (ALMEIDA, 2009, s/p). Logo, o formador de analistas tem de falar sobre o lugar que ele ocupa quando se engaja na transmissão da psicanálise. Por conseguinte, a transmissão da psicanálise não acontece somente pelo ensino dos conceitos, de modo que ela precisa estar alinhada por uma experiência, pelo enfrentamento do impossível e do inconsciente. Se bem repararmos aquilo com o que o formador vai se confrontar, perceberemos que ele carrega o mesmo confronto que a psicanálise traz para suas conversas como os sujeitos em formação. Isso seria uma particularidade na transmissão da psicanálise, pois, para além das teorias psicanalíticas, existe sempre uma (re)invenção do próprio sujeito perante sua realidade.

Somente os sujeitos poderão enunciar, algum tempo depois, se a formação produziu algum efeito, embora eu possa verificar no cotidiano alguns de seus traços. Parto do pressuposto de que posso falar um pouco mais do meu estilo de ensinar. Ao experimentar o método clínico em sala de aula, não visio que o/aluno/a o reproduza como modelo, nem tampouco que reproduza a teoria que escutou de mim como sua professora. O mote é o meu próprio consentimento de que o conhecimento a ser transmitido por mim, a partir da disciplina que leciono não se constitui em uma verdade. O meu trabalho visa que ele/a possa elucidar algo do que se apropriou, aquilo que lhe tenha sido significativo, do que transmiti, mesmo sem o saber. (DINIZ, 2006, p.13)

A ideia de se pensar o processo de ensino e aprendizagem a partir do estilo contraria muitos discursos do campo da aprendizagem que pregam modelos de bons profissionais, visto que fazem o convite para que, mediante sua singularidade e munido dos elementos teóricos, aquele que transmite fundamente sua prática. Os modelos pedagógicos de ensino rejeitam o estilo (LAJONQUIERE, 2011). Assim, o “ser transmissor de uma disciplina” não parte de um discurso externo que muitas vezes é extremamente instrumental e técnico. O estilo, estabelecido pela psicanálise, constitui-se a partir da relação que o sujeito cria com o conhecimento.

“O conteúdo dessas disciplinas não pode ser pensado de forma separada do meu estilo de dar aula [...] transmito para meus alunos algo da minha experiência analítica” (LAJONQUIERE, 2011, p.131). Ao apresentar a formação com esse pronunciamento, o professor marca a sua relação particular estabelecida com a transmissão. Logo, aquela disciplina só poderia ser sua, pois, desde o conteúdo, ela já traz traços da sua singularidade. Admitir o estilo é reconhecer que os modelos do “bom professor” não dão conta da

complexidade da prática; e que o professor não pode ser descolado da sua prática, uma vez que é nela que se desenvolve a construção do seu *savoir-faire*. No entanto a lógica da transmissão, pensando a partir do estilo, não exclui toda a bagagem teórica. Os elementos da formação teórica só terão sentido quando estiverem relacionados aos efeitos da subjetividade de cada sujeito, para assim serem capturados e enunciados; desse modo, apenas os sujeitos poderão dizer dessa formação a partir de sua prática, de sua vivência. Exatamente por assim ser é que se torna imprescindível a admissão da dupla dimensão da relação com o saber: conhecimento e saber não podem ser dissociados.

Esta implicação do sujeito, isto é, sua relação com o saber, coloca o sujeito responsável pela transmissão em uma posição de constante “diálogo” consigo mesmo, fazendo-o ciente de sua falta, solicitando, assim, que o mesmo ocupe o lugar do mestre-não-todo, do mestre que reconhece seu fracasso, admite as incertezas e não é portador da verdade toda. Porém, para que seja possível que a formação faça esse movimento, é fundamental oferecer os conhecimentos (elementos teóricos) necessários para tal, visto que só com o conhecimento em mãos é que cada sujeito poderá elaborar seu próprio saber, nunca esquecendo que sempre existirá uma parte de não saber intrínseca a qualquer relação permeada pelo inconsciente.

A partir da sua orientação psicanalítica, a transmissão se apresenta como um dispositivo para que cada sujeito enuncie na sua própria singularidade, avisado de suas limitações, bem como ciente de um estilo que acolhe o mal-estar. Isso não quer dizer que a transmissão ensine um estilo, muito pelo contrário. Por assim ser, Diniz (2011) considera que é exatamente a tensão entre conhecimento e saber, em sua dimensão consciente e inconsciente, que cria a possibilidade do sujeito se enunciar a partir da sua própria singularidade. A noção de estilo, em psicanálise, não pode ser dissociada da prática e da singularidade; logo, o estilo só poderá se fazer na prática e para a prática, quando o sujeito se permitir lidar com suas próprias questões e as questões de seus alunos em meio ao processo de ensino.

Por fim, a “boa transmissão” seria aquela que, ao admitir o impossível e as incertezas de sua prática, além de não recuar, é ousada em suas escolhas, não separando o pensar do seu fazer. Assim, não apostaria nos modelos, reconhecendo a “contingência radical da experiência”, e passaria a depositar todas as suas crenças no seu próprio estilo, conseqüentemente, traria à luz a noção de que a adequação de toda a bagagem teórica e prática não cessa de se interrogar.

O estilo como a 'única formação que podemos transmitir àqueles que nos seguem' nos faz definir a transmissão em psicanálise como endereçamento do estilo do analista. Cada ato do analista traz a marca ou o estilo do que Lacan considera o protótipo do ato analítico, ou seja, o ato da passagem de analisante a analista, realizado no interior de uma análise. (QUINET, 2009, p. 183)

4 O QUE FIZEMOS COM O QUE FIZERAM DE MIM: UMA CRÍTICA AO ESTILO DE/EM LACAN

[...] como enunciar que “a verdade é não-toda”, sem erigir esta própria proposição ao estatuto de uma verdade última e, por isso, autocontraditória? (IANNINI, 2013, p. 256).

A indagação de Iannini nos faz um convite a também nos questionarmos sobre a funcionalidade e, principalmente, a operacionalidade do conceito de estilo em meio a clínica. Até aqui procuramos desvendar o estilo, agora, tentaremos trazer o conceito para uma problemática fundamentalmente prática: O manejo do estilo *em* Lacan na clínica psicanalítica.

Observando o trato do conceito de estilo percebemos que ele carrega consigo duas noções que o distanciam de sua proposição *entre* a verdade e o saber: a nostalgia e o *savoir-faire*. Ambas as noções são mal colocadas, pois se afastam do estilo *em* Lacan para dar voz ao estilo *de* Lacan. A própria formulação da expressão estilo de Lacan já nos diz das questões que importam neste recorte:

A questão do estilo *de/em* Lacan, frequentemente muito mal colocada, vai além de uma questão estética, na medida em que ela é uma resposta ética a um problema cuja natureza pode ser descrita, de imediato, como teórica ou epistemológica, ou antes, linguageira (IANNINI, 2013, p. 269).

Quando dizemos do estilo *em* Lacan apontamos para as discussões acerca deste conceito que integra as formulações da psicanálise lacaniana a respeito da posição discursiva do sujeito em relação à singularidade. Por outro lado, o estilo *de* Lacan nos conduz para uma questão contrária ao conceito, pois vem tratar da forma como o psicanalista francês fazia clínica e até mesmo ao jeito de se portar. Como podemos observar, existe uma grande distinção entre as duas propostas: a primeira, enquanto um conceito, converge para uma evocação daquilo que o sujeito tem de mais particular; a segunda diz a respeito da pessoa de Lacan e suas atitudes.

Dizer de uma nostalgia seria apontar para um desejo de recuperar, a partir do estilo *de* Lacan, um pouco da genialidade do autor francês e do seu sucesso. A influência e o sucesso de Lacan, no âmbito da clínica psicanalítica, são inquestionáveis, conseqüentemente, podemos também referir que isso despertou uma legião de “fãs” que desejam ser um pouco daquilo que o psicanalista foi. Nesse ponto, a identificação com o autor pode passar pelo caminho da imitação do autor, esta muitas vezes cômica. Recuperar Lacan via a sua imitação

estaria próximo daquilo que os filhos da horda primeva fizeram quando canibalizaram o pai: “o canibalismo como uma tentativa de assegurar uma identificação com ele (o pai), pela incorporação de um pedaço seu” (FREUD, 1996, p. 101). Essa incorporação se deu pela ingestão das partes do pai, para que, de certa forma, eles pudessem ser um pouco daquilo que o pai fora, mas nunca ele todo, pois nenhum dos filhos deveria ocupar o lugar do pai (FREUD, 1996).

Fazendo uma transposição para o que estamos propondo, percebemos que há uma vontade de recuperar um pouco de Lacan enquanto psicanalista, de modo que isso acabe sendo feito pelas questões estéticas do autor, nos termos aqui propostos, pelas questões do estilo *de* Lacan. Então dizer dessas imitações cômicas do estilo, dos trejeitos do psicanalista francês, estar-se-ia próximo de um desejo de imitar, de se identificar, de *ter* o estilo. Neste momento, o conceito de estilo é “assassinado”, pois o estilo *de* Lacan nada tem que ver como estilo *em* Lacan, e não é cabível dizer de um estilo recuperado, já que isso contraria o ponto crucial do conceito que diz da singularidade, daquilo que o sujeito tem de mais real, daquilo que o sujeito não consegue dizer. O estilo não se *tem*, se *é*.

Trazendo essa crítica propriamente para o campo da psicanálise lacaniana, podemos organizar esses apontamentos a partir da teoria dos quatro discursos proposto por Lacan: “essa teoria tem sido considerada um dos instrumentos mais ativos para a psicanálise, pois se interessa pelo que o sujeito produz em seu enlaçamento com a ordem social” (PEREIRA, 2008, p. 126).

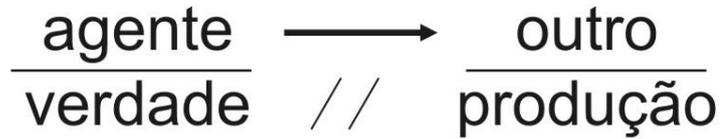
Considerando esse panorama elucidado por Lacan, o autor vislumbrou quatro posições discursivas⁸. No discurso do mestre, o agente (mestre) é aquele que tudo sabe. Por assim ser, o mestre se autoriza a partir da sua própria subjetividade, ou seja, o mestre é a lei. O discurso da universidade, que será o que nos dará sustentação, é aquele autorizado sempre por outro discurso mestre. O discurso da histórica busca sua autorização impelindo a um outro a categoria de mestre. E, por fim, mas não menos importante, o discurso do analista⁹ que busca autorizar-se do inconsciente. Dessa forma, o saber é sempre não sabido e tem como finalidade a emersão da singularidade. Este último discurso seria, propriamente, a operacionalidade do estilo na clínica psicanalítica.

⁸ Não é nosso objetivo fazer uma discussão aprofundada acerca dessas formulações lacanianas, propriamente dita, por isso não iremos propor uma discussão sistemática sobre o assunto. Para um debate mais aprofundado ver LACAN, Jacques. *Seminário 17 - o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

⁹ Esta posição discursiva será retomada na conclusão deste trabalho de uma forma mais aprofundada.

Os discursos se organizam a partir de quatro posições: agente, outro, produção e verdade.

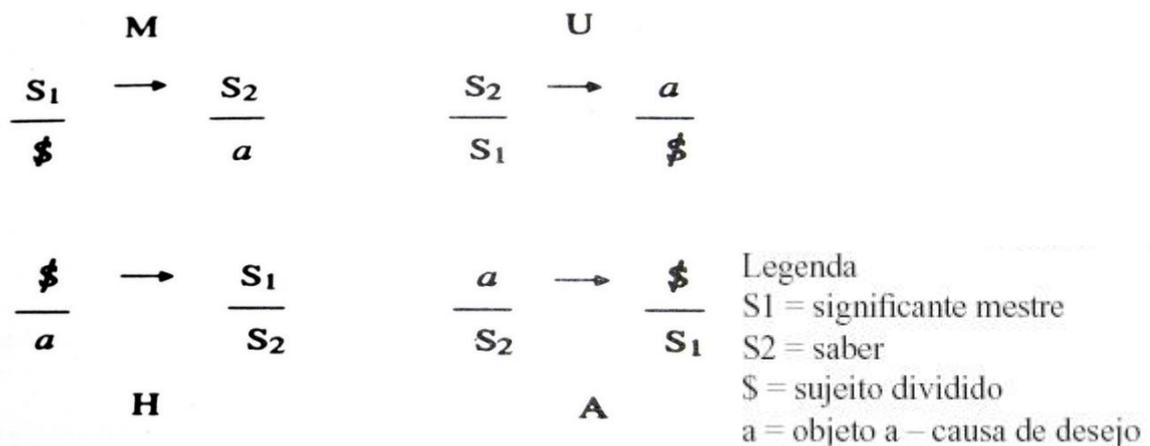
Figura 1 - Os lugares do discurso.



Fonte: Lacan (2003, p. 447)

O esquema dos discursos organizados por Lacan se deu da seguinte maneira:

Figura 2 - Os quatro discursos.



Fonte: Lacan (2003).

Retomando o nosso debate. Quando dizemos de uma nostalgia e de um *savoir-faire* adotados por alguns psicanalistas, apontamos para uma posição discursiva frente à prática clínica. O estilo, enquanto uma busca pelo preenchimento do objeto *a*, não pode ser imitado, pois, enquanto tal, como elucidado anteriormente, evoca uma singularidade, propulsiona o sujeito a colocar algo de si. Este seria o estilo *em* Lacan.

Quando o estilo *de* Lacan ganha *status* de lei, ele perde sua operacionalidade clínica, pois, assim como no discurso da universidade, o sujeito busca autorizar-se de um mestre (no nosso caso, Lacan), para só a partir disso se apresentar enquanto um sujeito, este sempre revestido, e se coloca como um conservador e um mero transmissor de outro saber. Trazendo isso para clínica, o psicanalista se revestiria do estilo *de* Lacan para se respaldar perante seu analisando, que, a partir de então, passa a ocupar um lugar de objeto que deve apenas absorver os ensinamentos do grande mestre. Se nos atemos à equação lacaniana, podemos dizer que o

psicanalista seria o agente (S2), um porta-voz de Lacan, que faz frente a um sujeito, tomado como vazio (*a*). Dessa relação, não poderíamos ter outra produção que não a de um sujeito não todo (\$), que pode aceitar, ou não, esse lugar de objeto. Esse sujeito será um objeto, pois será “barrado” por um mestre, uma lei, ou nos nossos termos, pelo estilo *de* Lacan (S1). O analista se torna um “guardião da letra alheia, na impotência de escrever a sua própria [...]”. Esta forma é a do discurso moral, pedagogizado [...]” (PEREIRA, 2008, p. 131).

Estamos apontando a lógica daquilo que chamamos de estilo *de* Lacan, posicionando-a no discurso da universidade, vivenciada por alguns psicanalistas. Consequentemente, tal estilo tem uma funcionalidade contrária ao estilo *em* Lacan. O primeiro barra o sujeito e impede que, na clínica psicanalítica, aquilo que ele tem de mais real apareça, contrariando a estruturação da própria clínica, que seria a de criar condições para que surja aquilo que não se deixa dizer, ou seja, o estilo.

Enfim, o estilo *de* Lacan, entendido por muitos psicanalistas como a plenitude constantemente repetida, tira de cena qualquer possibilidade de um novo, de um singular, tanto por parte do analista como do analisando. Desse modo, os psicanalistas que convocam o estilo *de* Lacan muito se aproximam daqueles filhos da horda primeva, que, desejando se identificar ao pai, ou seja, ter alguma semelhança com esse pai, incorporaram-no.

A imitação cômica de Lacan trava, imobiliza, ambos os personagens na clínica psicanalítica. Dessa forma, ela perde seu caráter terapêutico, sendo apenas uma repetição vazia. Em outras palavras, podemos apontar que o psicanalista ocupa um lugar de um professor que toma o aluno apenas como um objeto repleto de lacunas e que seus “ensinamentos” vêm para preenchê-las. O *setting* analítico se torna uma sala de aula, onde os estudantes (analisandos) estão ali apenas para aprender¹⁰.

¹⁰ Aprender aqui deve ser entendido como um simples recebimento de informação, sem nenhum tipo de trabalho de ressignificação sobre o conteúdo aprendido.

5 CONCLUSÃO

Somente no discurso do analista o estilo é desvelado como propriamente tributário do objeto *a* (no lugar do agente do discurso), pois é aqui que o estilo vinculado ao laço social é agenciado por aquilo que é o mais particular do sujeito. No matema do discurso do analista aparece a depuração máxima do estilo, pois ele aparece como pura enunciação, sem sentido, e até sem significante, no rechaço do discurso (*a*) que tentamos apreender com o jeito, a maneira. (QUINET 2009, p. 182)

Nas formulações de Lacan (1992) acerca dos discursos, o estilo figura uma determinação discursiva, isto, pois, como já mencionado, revela aquilo que não se pode dizer. Desta forma, podemos então entender que o estilo se faz nas relações sociais via uma imposição discursiva, figurando todos os quatro discursos:

Os enunciados podem ser desvelados a partir daquilo que se encontra no lugar do agente de cada discurso: no discurso do mestre é a lei; no discurso da histérica, o sintoma; no discurso do universitário, o saber; no discurso do analista, o rechaço do discurso. Cada discurso vai se impor com um estilo que lhe é próprio: o que confere o estilo de cada discurso está vinculado ao que se encontra no lugar da verdade que habita a enunciação (QUINET, 2009, p. 181).

No discurso universitário, como já descrito, o estilo aparece como uma forma nostálgica de manutenção de um saber. Consequentemente, engessa qualquer possibilidade da emersão de uma singularidade. Por sua vez, examinando o discurso do analista, observamos que o agente deste discurso — no caso, o analista — busca autorização no saber inconsciente, visando à produção da singularidade do analisando. Nesse sentido, “é a partir do lugar de objeto causa de desejo (*a*) sobre um saber inconsciente (*S*₂) que se faz possível implicar um sujeito na sua pura diferença (*\$*), a produzir sua própria marca de singularidade (*S*₁)” (PEREIRA, 2008, p. 134).

O discurso do analista eleva o outro a uma posição de sujeito da enunciação, visto que o analista ocupa o lugar do objeto *a* (agente), desse modo, dando possibilidade para um ato de puro dizer. A posição do analista é feita substancialmente do objeto *a*, causa de desejo, a partir do qual é possível a associação livre, assim, "o analista se faz causa do desejo do analisante" (LACAN, 1992, p. 36). O analista oferece seu estilo (correspondente ao objeto *a*), para que o analisando se identifique com este lugar de suposto saber (inconsciente). Dessa forma, o analista convoca o paciente a uma produção própria, um saber (inconsciente) próprio.

O estilo do analista, contrário ao estilo do universitário, conduz o discurso via objeto *a*, assim se apresenta mais opaco, sem estar revestido de verdades, conseqüentemente se coloca como um lugar da falta. O discurso do analista pretende dar condições para que o sujeito, via sua fala (ditos e não ditos), produza um agir, pois visa implicar o sujeito com sua própria causa. Essa implicação solicita que o sujeito crie algo em torno da verdade (o saber inconsciente). Dessa forma, o objeto *a*, sustentado neste lugar de agente do discurso, autoriza um ato de puro dizer. Segundo Quinet (2009, p.177), o discurso do analista aparece como “depuração máxima do estilo, pois ele aparece como pura enunciação, sem sentido e até sem significante, no rechaço do discurso”. Portanto:

O discurso do analista, preocupado mais em seu como dizer do que com o que dizer, inaugura uma estética na qual a estrutura do discurso tem prevalência sobre aquilo que é falado, que é determinado pelo significante. Tal estética, anunciadora da ordem significante, visaria não apenas a produção de um dito espiritualizado encerrado em si, mas também a produção de uma reorganização da fantasia do sujeito, um desestabilizar as convicções imaginárias do neurótico. Mais que uma técnica, o campo estético do discurso do analista, apresenta-se como uma política interventiva que se dá não apenas no sujeito que se espanta ao ingressar nessa discursividade, mas também para aquele portador de tal função. (FERREIRA; MOUAMMAR; JUSTINO, 2014, p. 74).

O estilo é o indecifrável que se apresenta pelas entrelinhas do discurso, de modo que, somente por seu estilo, singular, o analista terá condições de estabelecer uma possível inscrição do objeto *a* na ordem simbólica, oferecendo-se, assim, com um esforço para o analisando, suportar a angústia da impossibilidade do tudo-dizer.

A via do estilo não se apresenta com uma tarefa simples porque esta é sempre incompleta. Porém sua depuração é imprescindível para aqueles que desejam “ouvir” aquilo que não se deixa dizer. Apresentado como um suporte que busca sustentar a relação entre a verdade e o saber, o estilo não deve ser copiado, uma vez que, a marca da sua expressão, a singularidade é dada pela tentativa de recuperar o objeto perdido (*a*).

A psicanálise, via o estilo do analista, oferta uma legitimação do inconsciente que produz um ambiente propício para o reconhecimento da contingência radical da experiência do sujeito, conseqüentemente, coloca-o perante sua falta. Com isso, admite o impossível e as incertezas da prática analítica, que, além de não recuar, é sempre ousada em suas escolhas, não separando o pensar do seu fazer. O acolhimento do saber inconsciente visa operar um estilo marcado pela não obrigação de dotar o sujeito de um sentido, mas, sim, por uma formação discursiva que, por ratificar-se na ausência, apresenta-se como uma possibilidade.

REFERÊNCIAS

- DINIZ, M. O Método Clínico na investigação da relação com o saber de quem pesquisa e ensina: Contribuição para a formação docente na tensão entre saber e conhecer. In: 29ª REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. *Anais...*: Anped, 2006.
- FERREIRA, D. D.; MOUAMMAR, C. C. E.; JUSTINO, R. S. O Estilo em Psicanálise: o Discurso do Analista como Arte do Bem Dizer. *Psicologia USP*, v. 25, n. 1, p. 71-76, 2014.
- FREUD, S. (1939). *Moisés e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 23).
- _____. (1913). *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 13).
- _____. (1918). *Sobre o ensino da Psicanálise nas universidades*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 17).
- HARTMANN, H. *La psicología del Yo y el problema de la adaptación*. México: Pax-Mexico, 1962.
- IANNINI, G. *Estilo e verdade em Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico: O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- LACAN, J. (1966) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. Intervention sur l'exposé de Claude Lévi-Strauss: "Sur les rapports entre la mythologie et le rituel" à la Société Française de Philosophie le 26 mai 1956. *Bulletin de la Société française de philosophie*, v. 47, p. 113-119, 1956. Disponível em: <www.ecole-lacanienne.net/pastoutlacan>. Acesso em: 13 abr. 2015.
- _____. *O Seminário, livro 10: A Angústia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005;
- _____. *Seminário 17 - o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- _____. Radiofonia. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LAJONQUIÈRE, L. A mestria da palavra: isso duro de roer na formação de professores. In: PEREIRA, M. R.; MRECH, M. L. (Orgs.). *Psicanálise, Transmissão e Formação de Professores*. São Paulo: Fino Traço, 2011.
- LIBÂNIO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.
- MONTEIRO, E. A. *Sobre uma especificidade do ensino da psicanálise na universidade: a formação de educadores*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) -, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

NASIO, J-D. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. *Meu corpo e suas imagens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

PEREIRA, M. R. *A impostura do mestre*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

PERRENOUD, P. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: Perspectivas sociológicas*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

QUINET, A. *A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

SAFATLE, V. Prefácio – Retornar a velhas palavras. In: IANNINI, G. *Estilo e verdade em Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SILVA, T. T. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.